

EUTANÁSIA E SUICÍDIO

O ser humano está em meio a uma imensa conturbação!

É natural que fique em desequilíbrio e não suporte enfrentar suas adversidades. Que sua balança pese mais para o desestímulo que para a valorização da vida que ainda tem.

Deveríamos refletir sobre a importância de mais um dia em nossa vida. Um dia pode nos conceder oportunidades inestimáveis sob diversos aspectos: material, inclusive.

Para os religiosos, nem pensar no extermínio da vida!

São inúmeras as implicações psíquicas para o espírito que sobrevive ao seu corpo somático.

Mas há vários países que já adotaram legalmente a eutanásia.

Particularmente, jamais seria a favor. Até porque a coerência nos leva a um comportamento único, independentemente de quem se trate. Aí pesa!

Um filho, um pai, uma mãe... Teríamos coragem de mandar desligar os aparelhos?

Apoiaríamos um comportamento suicida deles? Ou lutaríamos para estimulá-los, apoiá-los e dissuadi-los da empreitada?

Há muitas formas de acabar com a vida por iniciativa própria. Até o descuido com a alimentação leva a um processo lento, mas não deixa de ser autodestruição.

Há médicos que aventam várias hipóteses para o suicídio. A maioria dos especialistas argumenta que causas sociais, econômicas ou afetivas, todas são provenientes de desequilíbrio emocional.

No momento há um volume crescente nos casos de suicídio, inclusive em crianças.

Alguns especialistas creem firmemente que a investigação científica pode "evitar" a dor. Este ângulo parece desconsiderar o processo natural da morte em si.

A atenção familiar é um paliativo necessário, indispensável, mas, apesar da dedicação e do afeto dispensados pelos familiares, é angustiante a impotência diante do inexorável.

Talvez por esta razão - apesar da demonstração do cuidado, do afeto, ante a falibilidade da Ciência quando, de fato, é chegada a hora da morte e o paciente entra em agonia, a abreviação da vida se apresenta como um recurso,

embora crivado de expectativa conciliatória entre a decisão e o lapso de tempo do desligamento natural do paciente.

A eutanásia, ação que visa provocar a morte de uma pessoa doente, a fim de aliviar o seu sofrimento, pode ser ativa - a pedido do paciente, ou passiva - com omissão de ações terapêuticas circunstanciais.

A palavra "eutanásia" provem do grego euthanasía, que significa "morte boa" ou "morte sem grandes sofrimentos". A palavra é composta por eu, que significa "bom" ou "boa", e thánatos, que significa "morte". O termo foi proposto por Francis Bacon em 1623, na sua obra *Historia vitae et mortis*, como sendo o "tratamento adequado às doenças incuráveis".

O oposto de eutanásia é a distanásia, que significa "morte lenta, com grande sofrimento"

É óbvio que cada um é responsável por sua vida e pode fazer dela o que bem entender. Até as religiões afirmam e reafirmam o livre arbítrio. A diferença está no fato de que para as religiões, em geral, há um depois da vida na matéria. Algumas, mais conservadoras, falarão em pecado e arrependimento. Outras, na conscientização referente à perda de oportunidade que aquele momento na matéria estaria proporcionando para evolução espiritual. Esta última concepção é a do Espiritismo.

O que não entendo, entretanto, é a razão pela qual se estabelece essa dicotomia: lucidez, direito, dignidade e razão, por um lado, por outro, dogma, medo, sofrimento e irracionalidade.

Um ateu pode querer viver, com ou sem sofrimento.

Um religioso pode rogar a Deus que abrevie seus dias de sofrimento, concedendo-lhe morte tranquila.

Creio que a oposição se dá entre a valorização da vida e a banalização da morte.

Essa última observação talvez explique, paralelamente aos casos de depressão, o aumento considerável de suicídios em todo o planeta.

É muito complexo. Difícil mesmo de tomar-se uma posição.

Nosso apego sempre vai interpretar a perda como algo que deixamos de fazer pelo nosso familiar ou amigo.

Tenho dúvida se não teremos remorso ou sentimento de culpa se não buscarmos lançar mão de todos os recursos médicos. Por outro lado, ver nosso ente querido sofrendo indefinidamente, sem esperanças, pode criar uma sensação de egoísmo de nossa parte.

Felizmente, temos o apoio de nossa crença que nos esclarece como se dá o tempo de vida do Espírito na Terra, submetido a uma programação reencarnatória, compatível com a energia vital que cria condições de manter-se ativo, aprendendo, ensinando, criando condições favoráveis, ou não, para sua elevação e evolução espiritual.

Nesse sentido, opto por lutar até o fim, recorrendo a todos os recursos da ciência e à toda ajuda espiritual possível, com vistas a alcançar, com o passar do tempo, resignação ante o imponderável.

Se nada é, tudo está, desde a bactéria, passando pelo ser humano até chegar ao infinito, nunca estamos prontos e acabados. Logo, temos que construir e reconstruir nossa existência e nosso espaço a cada momento que aprendemos a transformar em oportuno.

A vida na Terra é apenas um lapso da vida eterna do Espírito como sabem aqueles que creem na sobrevivência da alma.

É difícil a separação dos que amamos e respeitamos.

Mas diante da realidade, temos que aceitar e pedir resignação. Ao mesmo tempo, rogar a Deus que ampare com muito carinho aquele que partiu.

Que se faça a paz em família.

(Léa de Sousa -  - Rio de Janeiro, 2/11/2024)